

**Conferência do Grupo de Trabalho Sistema de
Informação em Museus, Porto, 30 de setembro
de 2016**



**A COLEÇÃO DE MUSEU COMO
SISTEMA DE INFORMAÇÃO E
COMO SEMIÓFORO**

**ARMANDO MALHEIRO DA SILVA
FLUP E CIC.DIGITAL-PORTO**

SUMÁRIO



- Eventos oportunos e necessários
- A Coleção – um conceito prático de senso comum
- O Museu - de “Lugar de Memória” a Sistema de Informação
- O Semióforo
- A Coleção como Sistema de Informação e como Semióforo

Eventos oportunos e necessários



- Estive no III Encontro Nacional de Centros de Documentação de Museus, realizado no Museu de Sacavém, Loures, em 31 de outubro de 2014, e aproveitei, então, o ensejo para lançar uma pergunta: um documentalista, que trabalhe num Museu, não poderá assumir as funções de um museógrafo e, por extensão, de um museólogo?
- Com a ajuda de um Dicionário especializado entendi necessário distinguir entre:

Eventos oportunos e necessários



- **Museografia** – Designam-se, sob esta palavra, as técnicas de identificação e descrição de documentos conservados em museus (*Dicionário do Livro por Isabel Faria e Maria da Graça Pericão*, p. 852).
- **Museologia** – Teoria, atividades e técnicas relativas à organização e gestão de museus, assim como à aplicação de legislação sobre as mesmas (*Ibidem*, p. 852).
- As Autoras citadas, bibliotecárias em Coimbra, consideram as “peças” identificáveis no Museu como documentos, o que remete para um sentido amplo de documento na linha traçada por Paulo Otlet (1868-1944) e sua discípula Suzanne Briet (1894-1998)

Eventos oportunos e necessários



- Uma evidência trivial é a de que Arquivo, Biblioteca, Museu e até Documentação (antecedida por *Centro de*), são palavras que nomeiam “coisas” diferentes, ainda que a primeira seja intuitivamente a de um edifício ou espaço construído e natural, um serviço instalado num espaço concreto, onde se vai “buscar informação, conhecimento e se aprende” com o que lá é custodiado/guardado, preservado e exposto.
- Por causa desse primeiro sentido tornou-se “normal” definir a Arquivologia/Arquivística, a Bibliotecologia/Biblioteconomia e a Museologia como ciências, respectivamente, do Arquivo, da Biblioteca e do Museu...
- Hoje na Universidade do Porto ensinamos e desenvolvemos uma perspectiva evolutiva que, claramente ,propõe uma Ciência da Informação trans e interdisciplinar:

Eventos oportunos e necessários



Ciência da Informação

**fundada numa
dinâmica
transdisciplinar**

- Arquivística
- Biblioteconomia
- Documentação
- Museologia

**Dinâmica
Interdisciplinar**

Ciências Humanas e Sociais e CCI

Sociologia, Antropologia, Semiótica, Psicologia, História, Gestão e Economia, Ciência da Administração, Direito e Estudos Literários e Artísticos

Ciências Exatas e Naturais

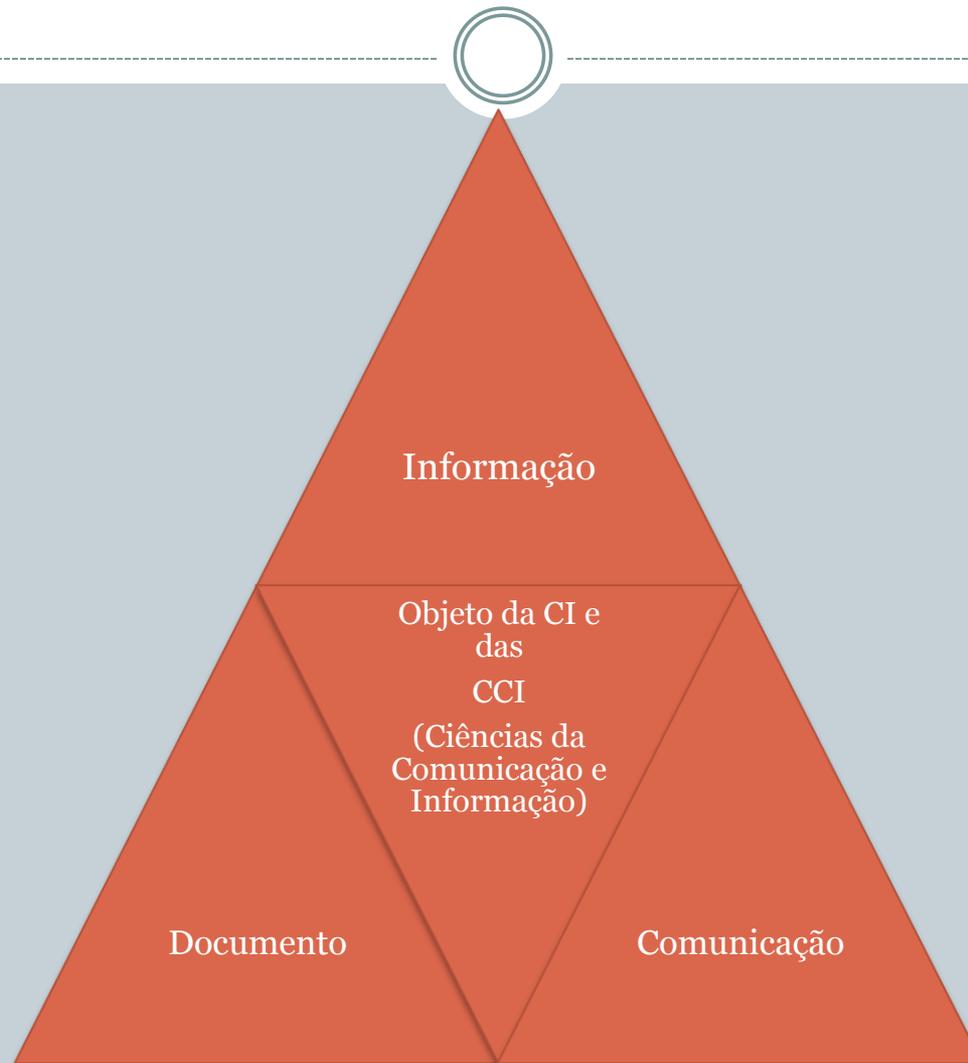
Matemática, Lógica, Informática, Física, Química e Biologia

Eventos oportunos e necessários



- Também formulamos e adotamos, nas dimensões de ensino e de investigação, uma definição operatória que é axial no nosso *corpus* teórico-metodológico:
- **Informação** – conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada (Silva e Ribeiro, 2002)

Eventos oportunos e necessários



Eventos oportunos e necessários



- Hoje, neste evento promovido pelo Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus recupero alguns conceitos e elementos expostos em 2014 e centro a minha atenção no debate sobre o Museu como Sistema de Informação e como Semióforo
- Interessa-me analisar sobretudo conceitos operatórios e interrogar-me/interrogar-vos por que temos de continuar a usar nos Museus (e também nas Bibliotecas) o termo/conceito de Coleção?

Coleção – um conceito prático de senso comum



- Coleção vem do latim *collectio.onis* e significa:
- Reunião de objetos da mesma natureza: coleção de livros.
- Conjunto de objetos escolhidos por sua beleza, raridade, valor: coleção de selos, coleção de quadros.
- Reunião das criações e dos modelos feitos por um estilista ou costureiro para uma temporada: coleção outono/inverno.
- Quantidade excessiva: coleção de carros.
- Compilação; reunião das obras de vários autores com um mesmo título.
- Coletânea; conjunto de várias obras ou de trechos pertencentes a obras distintas: coleção de pensamentos; coleção de regras.
- Acúmulo; em que há excesso: coleção de gordura num tecido. (Dicionário Online de Português. Url: <https://www.dicio.com.br>)

Coleção – um conceito prático de senso comum



- A significação recolhida não explicita a idéia de reunião aleatória, mas apresenta acúmulo ou acumulação como sinónimo de coleção ou da ação de coligir.
- Esta ideia, porém, serve de argumento aos arquivistas para rejeitarem o termo coleção tendo-o substituído por fundo, precisamente, por aquele significar um conjunto aleatório de documentos, reunidos sem estrutura nem propósito definido, enquanto fundo é o conjunto de documentos produzidos/recebidos no decurso de uma atividade institucional, organizacional e administrativa.

Coleção – um conceito prático de senso comum



- Coleção tornou-se, assim, um conceito prático procedente e amarrado ao senso comum.
- Pelo senso comum somos capazes de perceber que os livros impressos tem o mesmo suporte produzido tecnicamente no prelo/tipografia; os manuscritos tem o suporte papel “manchado” de tinta e palavras, figuras, números, etc.
- Pelo senso comum percebe-se que os artefatos tridimensionais são identificados pelo suporte e função: quadros de pintura; mobiliário em madeira ou em metal; louça e porcelana; etc.
- O senso comum diferencia pela natureza/suporte e função os objectos e chega ainda a diferenciar por assunto, desvalorizando ligações profundas e “ocultas” que esses objectos têm entre si e com outros naturalmente diferentes

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação



- A História e as supostas “Ciências e Técnicas do Patrimônio” (Arqueologia, História de Arte, Museologia e “Ciências Documentais” incluídas integralmente no paradigma custodial) apropriam-se desses “lugares” institucionais, enfatizados por Pierre Nora (1984), mas subalternizam aquilo que é naturalmente o foco central das CCI – a INFORMAÇÃO e as condições da sua comunicabilidade.
- A centralidade na infocomunicação (ver livro *e-infocomunicação*, 2014) altera a espacialidade de referência e obriga que busquemos o objeto científico dentro do edifício e da instituição Arquivo, Biblioteca e Museu. Não é a instituição que emerge como o OBJETO DE ESTUDO é a INFORMAÇÃO-DOCUMENTAÇÃO nela contida, custodiada e acessível que convoca a indagação científica.

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação



- Esta diferenciação de objeto é necessária, mas não impede os que queiram manter, *à outrance*, uma ciência do Arquivo, da Biblioteca ou do Museu.
- O que importa, aqui, frisar é que a CI não se organiza para estudar espaços físicos desse tipo e instituições, embora possa integrá-las numa abordagem informacional, porquanto ela constrói o seu objeto com o trinómio atrás referido (Informação – Documento – Comunicação) e com o contributo da teoria sistémica.
- O foco está, assim, no Sistema de Informação. E se o foco é este, a resposta à pergunta lançada em 2014, é SIM (o documentalista pode assumir as funções do museólogo).

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação



- Sistema de Informação – o que é?
- Um Sistema da Informação é constituído pelos diferentes tipos de Informação registada, ou não, externamente ao sujeito (o que cada pessoa possui em sua memória é informação do sistema), não importa qual o suporte, de acordo com uma estrutura (entidade produtora/receptora) prolongada pela ação na linha do tempo.
- A estrutura de um SI é um aspecto complexo porque ela é paradoxalmente autónoma e indissociável da informação, propriamente dita: o sujeito de ação (seja pessoa ou instituição) que produz e recebe fluxo informacional é distinto deste, mas é essencial para que este exista (Silva, 2006; DeltCI).

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação

- Isabel Marques no artigo *O Museu como sistema de informação* (Mvsev, 2008-2009) defende uma visão integradora do Museu com o conceito de SI:
- A informação produzida no âmbito das funções do Museu é resultante da interação com a informação proveniente das demais coleções;
- Uma visão integradora do acervo do Museu implica um maior enfoque nas potencialidades informativas do acervo, contribuindo assim para que a informação (administrativa, científica, técnica, etc. relacionada com o património cultural) seja devidamente contextualizada, registada, armazenada, inter-relacionada, recuperada, reproduzida e acedida;

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação



- Pensar no Museu como um sistema de informação implica superar divisões convencionais ainda vigentes como é o caso da distinção entre coleção museológica, bibliográfica e arquivística;
- Implica tomar consciência da possibilidade de quebrar as barreiras estabelecidas pelo peso histórico de categorização das coleções e permitir uma maior reflexão sobre novas abordagens de inter-relações informacionais dos objetos;

De “Lugar(es) de Memória” a Sistema de Informação



- Implica ainda uma reavaliação das práticas habituais (gestão, inventariação, incorporação, documentação, exposição, administração, etc.) no sentido de se tornarem mais eficientes e mais operacionalizáveis, num contexto integrador das funções e objetivos do museu, enquanto instituição cultural (Marques, 2008-2009: 280).

O Semióforo



- Acima apresentei o conceito prático de senso comum Coleção e agora trago a análise e debate o imprescindível verbete Coleção de Krysztof Pomian na Enciclopédia Einaudi, vol. 1 Memória-História (1984).
- Tratando de coleções de muitos Museus e de vários tipos e formas, Pomian introduz um tópico muito importante e interessante:

O Semióforo



- “De um lado estão as *coisas ou objectos úteis*, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. Todos estes objectos são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações físicas, visíveis, consomem-se” (p, 71).
- “De um outro lado estão os *semióforos, objectos que não têm utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um *significado*, não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (p. 71).

O Semióforo



- Nas relações de utilidade e do significado no caso dos objectos com três situações possíveis:
- “uma coisa tem apenas utilidade sem ter significado algum”;
- “um semióforo tem apenas o significado de que é o vector sem ter a mínima utilidade”;
- “mas existem também objectos que parecem ser ao mesmo tempo coisas e semióforos”.
- “Note-se que tanto a utilidade como o significado pressupõem um observador, porque não são senão relações que, por intermédio dos objectos, os individuos ou grupos mantêm com os seus ambientes visíveis ou invisíveis” (p. 72).

O Semióforo



- “Posto isto, nenhum objecto é ao mesmo tempo e para um mesmo observador uma coisa e um semióforo. Porque é uma coisa só quando é utilizado, mas então ninguém se diverte a decifrar-lhe o significado, e quando o faz , a utilidade torna-se puramente virtual”.
- “O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar” (p. 72).
- Temos no semióforo o equivalente do documento de Suzanne Briet e, em particular, o seu famoso exemplo do antílope. Ele vira documento no jardim zoológico ou no laboratório...
- O Semióforo tem a ver, portanto, com o valor/sentido atribuído por alguém a um objecto ou coisa que perdeu utilidade...

A Coleção como Sistema de Informação e como Semióforo



- Parece-me muito estimulante que se analise o sentido comum de Coleção tendo em conta a definição atrás exposta de Informação e a noção de documento.
- Se o documento é informação inscrita e moldada num suporte, há inevitavelmente um leque vastíssimo de artefactos (termo que distingo de coisa) que são documentos: ao serem produzidos, feitos para cumprirem uma determinada utilidade obedeceram a uma ideia técnica, a uma representação mental codificada... Todo o artefacto nasce, assim, na oficina ou na fábrica com um significado, com Informação.

A Coleção como Sistema de Informação e como Semióforo



- Quando esses artefactos são retirados do “contexto útil” e levados para um Museu porque alguém fez essa operação de os reunir e dar-lhes sentido estamos perante algo mais que um mero conjunto de objectos ou um mero acúmulo de objectos, estamos perante um binómio complexo e muito interessante-
- Temos à nossa frente - um artefacto com informação própria + um semióforo, ou seja, proporciona que o estudioso ou o visitante do Museu busque e produza significado através do seu olhar e das suas informações e categorias mentais e sensibilidade

A Coleção como Sistema de Informação e como Semióforo



- A pista para reflexão e pesquisa que aqui lanço é de que ao substituir a noção prática/senso comum de Coleção pela de Sistema de Informação supera-se a distinção metafórica mas pouco consistente de Pomian entre o visível e o invisível, assim como se consegue compreender que não há utilidade sem significado original (informação do artefacto) e que todo o artefacto acresce à sua utilidade significativa a condição de semióforo, porque se oferece ao olhar externo, se expõe e deixa-se perscrutar no seu significado original e é agregado a significados outros que os observadores/estudiosos sejam capazes de elaborar



Obrigado

armando.malheiro@gmail.com